



Atendimento Pedagógico Personalizado: Estratégias de acolhimento e orientações para estudos no IF Baiano – Campus Uruçuca

Personalized Pedagogical Support: Welcoming Strategies and Study Guidance at IF Baiano – Uruçuca Campus

Roselin Angelita Dantas Reis

Técnica em Assuntos Educacionais do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6905784327311756>

Viviane Reis Leporace

Técnica em Assuntos Educacionais do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/3261425877016457>

Gésus de Almeida Trindade

Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico EBT do Instituto Federal Bahia (IFBA). <http://lattes.cnpq.br/8535261151864348>

Fernanda Marcelo Souza

Revisora Braille do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6054329727163854>

Damaris Oliveira Souto

Servidora Pública do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/3136114193854328>

Nilda dos Santos Magalhães

Assistente de alunos do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0773230878657184>

Miliane Barreto de Oliveira

IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <https://lattes.cnpq.br/2396087521271117>

André Luiz de Alcântara Brandão

Técnica em Assuntos Educacionais do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3897-2118>

Resumo: O estudo é um diálogo sobre práticas pedagógicas empáticas, integradas e alinhadas à singularidade do sujeito aprendente, no cenário do Instituto Federal Baiano. Assim, apresentamos a ação intitulada Atendimento Pedagógico Personalizado, que teve como objetivo promover a autonomia e o protagonismo dos(as) estudantes do ensino médio, por meio de atendimentos individualizados com foco em escuta ativa, orientação de estudos e estratégias baseadas em neurociência, gestão do tempo, produtividade e identificação dos estilos de aprendizagem (VAK). A metodologia utilizada foi qualitativa, com uso de formulário online para levantamento de perfil discente, aplicação de testes e retorno personalizado. Oficinas temáticas, acadêmicas e artístico-culturais também foram ofertadas à comunidade interna e externa como estratégia de ampliação do cuidado pedagógico e enfrentamento de fatores como estresse e ansiedade. A ação das oficinas foi sustentada por uma perspectiva decolonial, comprometida com a valorização das subjetividades e dos saberes plurais que atravessam a escola. Apoiada em autores como Freire (2000), Kolb (1984), Bossa (2009), Hooks (1994), Walsh (2009) e Anzaldúa (2000), a proposta se afasta de modelos de atendimento pedagógico tradicionalistas e propõe uma abordagem ética, afetiva e horizontal. Os resultados apontam para o fortalecimento da autoestima acadêmica, melhoria da organização dos estudos e maior engajamento discente.

Palavras-chave: atendimento pedagógico personalizado; IF baiano; saberes plurais

Abstract: This study presents a dialogue on empathetic, integrated pedagogical practices aligned with the uniqueness of each learner within the context of professional and technological education. We introduce the initiative titled Personalized Pedagogical Support, aimed at fostering autonomy and student agency among high school students through individualized sessions focused on active listening, study guidance, and strategies grounded in neuroscience, time management, productivity, and learning styles (VAK). A qualitative methodology was employed, including an online form to gather student profiles, application of assessments, and personalized feedback. Academic and artistic-cultural workshops were also offered to both internal and external communities as a means to expand pedagogical care and address issues such as stress and anxiety. The initiative was supported by a decolonial perspective, committed to valuing subjectivities and the diverse knowledges present within the school environment. Grounded in the works of Freire (2000), Kolb (1984), Bossa (2009), Hooks (1994), Walsh (2009), and Anzaldúa (2000), the proposal moves away from traditionalist models of pedagogical support, embracing an ethical, affective, and horizontal approach. The results point to strengthened academic self-esteem, improved study organization, and increased student engagement.

Keywords: personalized pedagogical support; IF Baiano; plural knowledges

INTRODUÇÃO

O ato de aprender extrapola a simples acumulação de conteúdos e informações; é um processo complexo de construção de identidade, autonomia e resistência. No cenário do Instituto Federal Baiano – Campus Uruçuca, reconhecemos que os/as discentes chegam com trajetórias plurais, atravessadas por saberes, culturas e histórias que precisam ser acolhidas para que o aprendizado seja efetivo e significativo. Assim, a equipe do NATEPE¹ em 2023, desenvolveu a ação pedagógica nomeada de *Atendimento Pedagógico Personalizado, vinculada ao Projeto Aprende mais IF*. Essa ação teve o objetivo de oferecer um espaço de acolhimento e orientação individualizada para os estudantes do ensino médio integrado, visando fortalecer sua autonomia, organizar a rotina de estudos, gestão de tempo e produtividade, e promover a saúde emocional.

Essa iniciativa parte do princípio, compartilhado por pensadores decoloniais como Aníbal Quijano (2005), de que a educação deve ser um campo de luta contra a colonialidade do saber, um espaço onde os múltiplos modos de aprender e existir sejam valorizados e respeitados. Seguindo essa perspectiva, entendemos que respeitar a autonomia do educando não é favor, mas compromisso ético fundamental, conforme Paulo Freire (2000) nos lembra. Assim, o atendimento pedagógico personalizado buscou articular práticas pedagógicas sensíveis às singularidades de cada estudante, reconhecendo suas experiências, emoções e ritmos próprios de aprendizado.

1 Núcleo de Assessoria Técnico-Pedagógica do IF Baiano. O NATEPE é responsável pela assessoria pedagógica a docentes e gestores(as), pelo atendimento e acompanhamento pedagógico a discentes, orientação a familiares ou a responsáveis, além de outras demandas que envolvam o fazer pedagógico nas áreas de ensino, de pesquisa e de extensão em nível local.

Metodologicamente, a ação envolveu a aplicação de um questionário online para mapear o perfil de aprendizagem dos estudantes, possibilitando uma compreensão mais precisa de suas necessidades e particularidades. A partir dessas informações e do teste sobre estilos de aprendizagem, foram realizados encontros individuais que ofereceram orientações personalizadas sobre gestão do tempo e orientação/organização dos estudos. Complementarmente, oficinas temáticas, acadêmicas e artístico-culturais foram promovidas para atuar na promoção do bem-estar emocional e na redução de barreiras como o estresse e a ansiedade, condições que impactam diretamente o processo de aprendizagem.

Ao compartilhar essa experiência, o estudo convida a refletir sobre a importância de práticas pedagógicas que vão além do tradicionalista, abraçando a diversidade, a autonomia e o protagonismo dos estudantes. Trata-se de contribuir para a construção de uma educação que seja, acima de tudo, um espaço de liberdade, dignidade e pluralidade cultural.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Os/as estudantes do ensino médio em instituições públicas como o Instituto Federal Baiano enfrentam desafios que ultrapassam o atendimento pedagógico tradicionalista. Esses estudantes vêm de realidades diversas, carregando histórias de vida, trajetórias culturais e experiências que influenciam diretamente seu modo de aprender e de se relacionar com o saber. Quando não consideramos a diversidade, operamos a partir de uma racionalidade eurocentrada e colonial, que conserva práticas excludentes e ignora saberes subalternizados. Assim, é fundamental que o saber, seus contextos sociais e processos de subjetivação desses sujeitos sejam considerados nos atendimentos.

Nesse cenário, torna-se imprescindível desenvolver ações pedagógicas que reconheçam a pluralidade dos estudantes e as múltiplas formas de aprender, possibilitando um atendimento que vá além da generalização e que acolha as singularidades. A personalização do atendimento pedagógico emerge como um caminho para garantir não apenas a permanência e êxito nos estudos, mas a valorização e o protagonismo dos/as estudantes, aspectos fundamentais para a construção de um ambiente educacional mais justo e inclusivo.

Além disso, a atuação pedagógica sensível às questões emocionais e às condições que afetam a aprendizagem, como o estresse e a ansiedade, ampliam o campo de cuidado para além do atendimento burocrático, contribuindo para o desenvolvimento global dos/as estudantes. Essa atuação é uma conversa com os princípios da educação decolonial, que visa superar as hierarquias do conhecimento eurocêntrico e reconhecer a diversidade epistemológica e cultural dos sujeitos.

Frente a essa realidade, a criação do *Atendimento Pedagógico Personalizado*, surge como uma proposta pedagógica construída a partir da escuta das demandas discentes e da compreensão de que cada sujeito aprende de forma singular, em ritmos e contextos próprios. Como nos lembra Bossa (2009), o processo de aprender

envolve dimensões físicas, cognitivas, afetivas e sociais, sendo necessário um olhar ampliado sobre o estudante, que considere sua integralidade e não apenas seu desempenho escolar.

Ao mesmo tempo, a proposta reconhece que o conhecimento não é neutro e que a escola, historicamente, tem reproduzido padrões eurocentrados que invisibilizam saberes outros, modos diversos de aprender e existir. Quijano (2005) e Walsh (2009) contribuem com essa reflexão ao denunciarem a persistência da colonialidade nas instituições educativas e ao defenderem a urgência de práticas pedagógicas que rompam com a lógica hegemônica e valorizem epistemologias plurais. Nessa direção, o Atendimento Pedagógico Personalizado propõe uma pedagogia do encontro, onde o estudante é sujeito da experiência e não mero destinatário de técnicas ou receitas.

Bruner (1966), ao compreender a aprendizagem como um processo ativo de construção de significados a partir de estruturas já existentes, reforça a importância de ações pedagógicas que favoreçam a autoria, a experimentação e o reconhecimento do próprio estilo de aprender. Assim, mais do que oferecer reforço, a proposta busca criar espaços de acolhimento e orientação que respeitem as especificidades individuais e fortaleçam o vínculo entre o estudante e sua trajetória educativa.

A justificativa da ação, portanto, está alicerçada na necessidade de ressignificar o papel do acompanhamento pedagógico em instituições públicas, criando condições reais para que todos e todas possam permanecer, pertencer e se desenvolver no ambiente escolar, com dignidade, autonomia e sentido. Portanto, essa ação, responde a urgência de promover uma ação pedagógica direcionada que seja, de fato, capaz de ouvir, acolher e fortalecer cada estudante em sua singularidade, ampliando suas possibilidades de permanência e êxito acadêmico e pessoal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aprender é um gesto de corpo inteiro. É memória, é desejo, é construção coletiva. E, para que esse processo seja verdadeiramente vivido, ele precisa respeitar o ritmo, a história e a forma de ser de cada sujeito. Não se trata apenas de ensinar, mas de permitir que cada estudante descubra como pode e como deseja aprender. É nesse movimento que o Atendimento Pedagógico Personalizado se baseia: numa escuta ativa que reconhece o outro, não como um número de matrícula ou como uma dificuldade, mas como um mundo em construção.

A autora Nadia Bossa, doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), nos explica em sua obra “A Psicopedagogia no Brasil” (2009), que o processo de aprendizagem envolve dimensões físicas, emocionais, cognitivas e sociais. A autora destaca que aprender não é algo restrito ao campo intelectual; é também atravessado por afetos, vínculos e pela forma como o sujeito se percebe diante do mundo. Por isso, qualquer proposta de orientação pedagógica que desconsidere essas camadas, corre o risco de reforçar desigualdades e esvaziar sentidos.

Já Bruner (1966), por sua vez, afirma que o conhecimento se dá de forma ativa, e que os sujeitos constroem significados a partir de estruturas mentais já existentes. Ou seja, ninguém começa do zero. Toda aprendizagem é atravessada por histórias anteriores, saberes populares, experiências de vida, e até mesmo por resistências. O papel da escola, nesse sentido, não é impor formas, mas criar condições para que o sujeito reestruture o que já sabe, ampliando seu repertório sem apagar suas origens.

Na mesma direção, David Kolb (1984) propõe o conceito de aprendizagem experiencial, destacando que o conhecimento é fruto da reflexão sobre a experiência vivida. Para ele, o aprender exige movimento: fazer, observar, refletir, decidir. Isso nos afasta da ideia de um estudante passivo, que apenas absorve informações. Ao contrário, coloca o estudante como alguém que sente, pensa, escolhe, e por isso precisa ser ouvido, considerado, respeitado.

De acordo com Kolb(1984), esse movimento se organiza em quatro fases: viver uma experiência concreta, refletir sobre ela, formular conceitos abstratos e testar esses conceitos na prática. Ao longo da vida, cada pessoa vai desenvolvendo preferências por determinadas etapas desse ciclo, o que dá origem aos chamados estilos de aprendizagem. Há quem aprenda melhor quando coloca a mão na massa, outros preferem pensar e observar, enquanto alguns se adaptam bem ao raciocínio lógico e à análise. Nenhum estilo de aprendizagem é mais importante que outro: todos são válidos, legítimos e potentes. O que muda é o modo como cada sujeito se sente mais confortável para se apropriar do conhecimento.

Considerar essas diferenças é fundamental no contexto do Atendimento Pedagógico Personalizado. Quando conseguimos perceber como um(a) estudante aprende, se ele prefere fazer, observar, teorizar ou testar, podemos oferecer orientações mais efetivas, respeitando sua forma de pensar, de sentir e de organizar seus estudos. É aí que o atendimento se torna realmente personalizado: quando deixa de ser um protocolo padrão e passa a ser um espaço de escuta, afeto e construção conjunta. Em vez de forçar um modelo único de estudar, abrimos caminhos para que o(a) estudante reconheça suas forças e, a partir delas, crie sua própria estratégia. Esse olhar cuidadoso sobre os estilos de aprendizagem ajuda a fortalecer a autonomia, eleva a autoestima acadêmica e faz com que o estudante se sinta pertencente ao processo, não apenas como alguém que “precisa melhorar”, mas como alguém que pode aprender do seu jeito, com dignidade e potência.

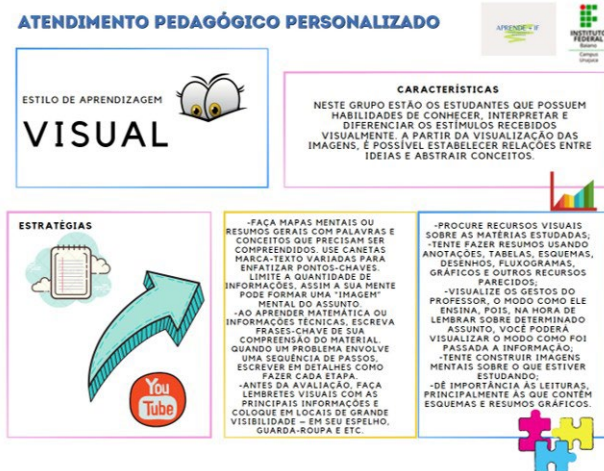
A partir daí, foi utilizado nos atendimentos o teste VAK², que identifica os estilos de aprendizagem mais presentes em cada estudante: o visual, o auditivo ou o cinestésico. Essa abordagem parte da ideia de que aprendemos melhor quando conseguimos acessar a informação de maneira compatível com nossos sentidos predominantes. Estudantes com perfil visual, por exemplo, tendem a se beneficiar mais de esquemas, mapas mentais, cores e organização espacial. Já os auditivos absorvem melhor quando escutam — seja uma explicação oral, uma música educativa ou mesmo a leitura em voz alta. Os cinestésicos, por sua vez, precisam do corpo em movimento, do toque, da prática concreta, do fazer com as mãos.

² https://vark-learn.com/questionario/#google_vignette

Reconhecer esses caminhos não significa limitar, mas ampliar as possibilidades de aprender com mais prazer, foco e sentido.

O teste foi aplicado com os(as) discentes de forma simples e acessível. Após a aplicação, cada estudante recebeu um retorno individual em forma de card (figura 1 e 2) com o resultado, um breve texto explicando as características do seu estilo predominante, sugestões de estratégias de estudo alinhadas ao seu perfil e orientações práticas baseadas em princípios da neurociência, da gestão do tempo e da produtividade. O objetivo desse retorno não era “enquadrar” o discente em um modelo fixo, mas ajudá-lo a se perceber no processo e a organizar seus estudos com mais consciência. Foram sugeridas, por exemplo, técnicas como o uso do cronômetro para alternar ciclos de concentração e pausa (método Pomodoro), ambientação do espaço de estudo, uso de playlists específicas para ativar o foco, além de dicas sobre memória, atenção e revisão. Tudo isso construído de forma ética, afetiva e horizontal, sempre respeitando o tempo de cada um — porque o aprendizado acontece quando o estudante se sente pertencente, ouvido e respeitado.

Figura 1 – Card com o resultado do teste e orientações para os estudos.



Fonte: autoria própria, 2023.

Figura 2 – Orientações para os estudos personalizada, gestão de tempo e produtividade, dicas de neurociência que o/a discente recebe em PDF, após o atendimento.

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO PERSONALIZADO

ESTILO DE APRENDIZAGEM VISUAL

CARACTERÍSTICAS
NESTE GRUPO ESTÃO OS ESTUDANTES QUE POSSUÍM HABILIDADES DE CONHECER, INTERPRETAR E DIFERENCIAR OS ESTÍMULOS RECEBIDOS VISUALMENTE A PARTIR DA VISUALIZAÇÃO DAS IMAGENS, É POSSÍVEL ESTABELECEM RELAÇÕES ENTRE IDEIAS E ABSTRAIR CONCEITOS.

ESTRATÉGIAS

- FAÇA MAPAS MENTAIS OU RESUMOS SIMILARES COM PALAVRAS E CONCEITOS QUE PRECISAM SER COMPREENDIDOS. USE CÂMERAS MARCA-TEXTO VARIADAS PARA ENFATIZAR PONTOS-CHAVES.
- INTEGRE A QUANTIDADE DE INFORMAÇÕES ASSIM A SUA PRÁTICA MENTAL DO ASSUNTO.
- AO APRENDER MATEMÁTICA OU INFORMAÇÕES TÉCNICAS, ESCREVA FRASES-CHAVE DE SUA COMPREensão DO MATERIAL. QUANDO UM TÓPICO ENDOVOLVE VÁRIAS ÁREAS DE SABER, ESCREVA EM DETALHES COMO FAÇA CADA LÉPIA.
- ANTES DA AVALIAÇÃO, FAÇA LEMBRETES VISUAIS COM AS PRINCIPAIS INFORMAÇÕES E COLOQUE EM LOCALS DE GRANDE VISIBILIDADE – EM SEU ESPELHO, QUADRA-ROUPA, ETC.
- PROCURE RECURSOS VISUAIS SOBRE AS MATERIAS ESTUDADAS; TENTE FAZER RESUMOS USANDO ANIMACÕES, IMAGENS, FIGURAS, DESENHOS, FLUXOGRAMAS, GRÁFICOS E OUTROS RECURSOS FALECIDOS.
- VISUALIZE OS GESTOS DO PROFESSOR, O MODO COMO ELE ENSINA, POIS, NA HORA DE LER SOBRE DETERMINADO ASSUNTO, VOCÊ PODERÁ VISUALIZAR O MODO COMO FOI PASSADA A INFORMAÇÃO.
- TEÇA CONSTRUÇÃO IMAGENS MENTAIS SOBRE O QUE ESTIVER ESTUDANDO.
- DÊ IMPORTÂNCIA ÀS LEITURAS, PRINCIPALMENTE ÀS QUE CONTÊM ESQUEMAS E RESUMOS GRÁFICOS.

Observações:
Ter uma rotina de alimentação saudável melhora a capacidade do cérebro no momento de se recordar e aprender novos conteúdos. Garanta boas noites de sono ajuda a fixar o conteúdo visto anteriormente e ter uma mente "acordada" para aprendizdos novos no dia seguinte. A prática de exercícios físicos também é responsável pelo fortalecimento das conexões neurais e é uma ótima maneira de aproveitar o "modo difuso" do cérebro, essencial para o momento da aprendizagem.

Obrigado e siga as dicas!
INUTEPE

1ª DEVOLUTIVA EM FORMA DE CARD

Ativar o Wir
Áressa Confirma

Complemente seus estudos utilizando o aplicativo QUIZLET para estudar as disciplinas com maior dificuldade

DISCIPLINA (por ordem de prioridade)	HORAS SEMANAIS	PROGRESSO SEMANAL
Português	4 horas	1 + 1 +

- Dê tempo ao seu cérebro: utilize o método de aprendizagem Pomodoro e estude um assunto por 25 minutos e pade por 5. Dessa forma você vai observar o quanto rende em um determinado período e vai fazer uma melhor gestão do seu tempo.

- Aula dada é aula estudada hoje! revise o conteúdo das disciplinas com maior dificuldade no mesmo dia em que. Foi passado em sala de aula, assim seu cérebro transforma memórias de curto prazo em memórias de longo prazo, considerando seu aprendizdo.

Fonte: autoria própria, 2023.

OFICINAS: CORPOREIDADE, VIVÊNCIA E DECOLONIZAÇÃO DO APRENDER

É relevante destacar que a escuta ativa do atendimento pedagógico personalizado, para ser legítima, precisa também ser crítica e atenta às marcas da colonialidade. Quijano (2005) aponta que o conhecimento ainda é atravessado por estruturas coloniais que classificam os saberes e os sujeitos em hierarquias. Nesse contexto, a escola muitas vezes opera como aparelho de silenciamento, exigindo dos(as) estudantes uma adaptação a padrões que não os contemplam. Tais padrões, em sua maioria, são eurocentrados, monoculturais e afastados das vivências reais da juventude brasileira.

Em um projeto de educação que pretende acolher as subjetividades e ampliar a potência do aprender, as oficinas não surgem como mero complemento, mas como espaços de reconstrução de sentidos e de resgate da autonomia discente. Ao propor vivências coletivas que atravessam o corpo, o afeto, a criatividade e a reflexão crítica, essas oficinas se inscrevem como ações de enfrentamento ao modelo escolar normativo e desumanizado. São, como diria Catherine Walsh (2009), práticas insurgentes que recusam a lógica da padronização e afirmam a pluralidade dos modos de existir, conhecer e sentir.

Ao ofertar oficinas tanto de cunho acadêmico quanto artístico-cultural, essa ação pedagógica, cria frestas dentro do currículo formal, permitindo que saberes outros, muitas vezes negligenciados, possam emergir com legitimidade. A proposta é que o(a) estudante se reconheça como sujeito inteiro no processo educativo — não apenas como um cérebro que responde a estímulos, mas como um corpo que dança, toca, sente e pensa com o mundo. Bell Hooks (1994) já nos alertava sobre isso quando afirmava que ensinar é um ato profundamente performativo, ético e político, e que não há aprendizado real onde não há afeto, nem presença viva.

As oficinas sobre estilos de aprendizagem, neurociência e gestão do tempo foram construídas para articular teoria e prática, respeitando o ritmo e o contexto de cada participante. Nelas, o conhecimento acadêmico se traduz em experiências sensíveis, ligadas à rotina dos(as) estudantes e à forma como cada um lida com o tempo, o cansaço e o prazer de aprender. São espaços que convidam à autorreflexão e ao exercício da escuta mútua, promovendo uma aprendizagem significativa, conforme defendia Freire (2000), pautada no diálogo, na problematização e na leitura crítica da realidade.

Já as oficinas de arteterapia, arte e emoções (figura 3), teatro, violão, artes marciais, xadrez, práticas de crochê, forró, capoeira, tranças nagô, feminismo negro, materializam a decolonização do saber na sua dimensão mais concreta: o corpo em movimento, vivências compartilhadas, a escuta do silêncio, a quebra do protocolo. Aqui, a arte deixa de ser adereço e se transforma em linguagem legítima de produção de conhecimento e equilíbrio emocional. Como nos ensina Anzaldúa (2000), a cura e o saber muitas vezes acontecem na fronteira, nos interstícios entre o formal e o informal, entre o que é permitido e o que é vivido. E foi exatamente nesse entre-lugar que a ação pedagógica apostou: nas bordas férteis onde o aprender e o existir se tocam.

Figura 3 – Oficina de Arte e Emoções.



Fonte: acervo pessoal, 2023.

Essas oficinas, abertas à comunidade interna e externa, acolheram não apenas estudantes, mas também professores(as), pedagogos(as) e futuros(as) educadores(as). Ao partilhar os caminhos e os procedimentos do Atendimento Pedagógico Personalizado com a rede pública, a proposta se amplia e se enraíza como uma semente de cuidado que se espalha e frutifica em outros territórios.

A proposta das oficinas se alinham ao pensamento de Walsh (2009). Ao discutir a interculturalidade crítica, essa autora defende que é preciso romper com as lógicas de inclusão que apenas integram os sujeitos ao mesmo sistema opressor. Para ela, uma educação verdadeiramente decolonial precisa reconhecer a potência dos saberes outros e construir práticas pedagógicas que celebrem a diversidade epistêmica, sem tentar “ajustar” o estudante à norma. Essa perspectiva fortalece a ideia de um atendimento pedagógico que não classifica, mas compreende; que não mede, mas cuida.

E se o mundo lá fora exige pressa e competitividade, é preciso que dentro da escola haja espaço para desacelerar, respirar e acolher. A ação pedagógica aqui relatada também se apoia em estratégias de neuroaprendizagem e práticas culturais como caminho para reorganizar o processo de aprender e enfrentar as ansiedades que atravessam a juventude. Porque, como canta Emicida (2019) na canção AmarElo: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes... / As sobrevivências, são as vozes que você não quis”. Essa voz do estudante que muitas vezes é abafada pela rigidez dos cronogramas, das metas e dos boletins, precisa encontrar escuta legítima no chão da escola.

É a partir desse entrelaçamento, entre ciência, escuta, cuidado e política, que se constrói o sentido do Atendimento Pedagógico Personalizado: um gesto de resistência que reconhece no ato de aprender uma forma de existência digna, potente e singular.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O que vimos florescer a partir do Atendimento Pedagógico Personalizado não cabe apenas em números, mas se desenha em sorrisos aliviados, em olhares que voltaram a brilhar, em corpos que passaram a habitar a escola com mais inteireza. Aos poucos, os(as) estudantes foram se reconhecendo como sujeitos do processo e não apenas como alguém “com dificuldade”. Esse deslocamento de lugar foi potente, porque devolveu a eles(as) o direito de aprender no próprio tempo e com a própria forma. Como canta Luedji Luna (2017), “minhas palavras não vão se calar, meu corpo não vai recuar”. E foi exatamente isso: os corpos e as vozes tomaram o espaço pedagógico com mais presença e autonomia.

Ao aplicar o teste VAK, que identifica o estilo de aprendizagem mais presente em cada estudante: visual, auditivo ou cinestésico. E assim, percebemos que muitos(as) deles(as) nunca tinham sido convidados a pensar sobre como aprendem. Os resultados não vieram como sentenças, mas como abertura: um espelho que ajuda a construir a consciência sobre si. Após o teste, cada estudante recebeu um

retorno escrito com orientações específicas sobre seu perfil, construídas com base nos estilos de aprendizagem, na gestão do tempo e dicas de neurociência. Isso, não como técnica fria, mas como gesto de cuidado e empatia. Porque, como lembra Bell Hooks (1994), ensinar é um ato de amor, e amar, no campo da educação, é criar condições para o outro ser e florescer.

As oficinas também pulsaram forte. Na prática, elas foram respiros dentro da rotina escolar. Aquelas voltadas à aprendizagem (neurociência, estilos de aprendizagem) nos permitiram trabalhar o cotidiano com os pés no chão, mas com o coração atento às subjetividades. Já as oficinas culturais, como o forró, feminismo negro, capoeira, tranças nagô, prática de crochê, arte e emoções, arteterapia e o violão — abriram espaço para outras linguagens, outros modos de existir. Nesses momentos, o aprender se deu por inteiro, com corpo, emoção, memória e ancestralidade. Foi ali que a gente percebeu o que Anzaldúa (2000) chama de “saberes de fronteira”: aquilo que nasce nas margens, entre o instituído e o vivido, entre o currículo e a vida.

Catherine Walsh (2009) nos provoca a pensar que só uma pedagogia comprometida com a decolonização pode realmente alterar realidades. E transformar, aqui, não foi mudar os(as) estudantes, mas transformar a escuta, a forma de chegar até eles(as), o modo como o saber é compartilhado. O resultado é difícil de mensurar, mas fácil de perceber: discentes que antes não buscavam ajuda passaram a agendar o atendimento com naturalidade; outros(as) que se achavam incapazes começaram a dizer, com segurança, que estavam conseguindo estudar melhor; muitos(as) descobriram o prazer de aprender consigo mesmos(as), respeitando seu ritmo, seus ciclos, suas dores e suas conquistas.

Para Mbembe (2017), o espaço escolar precisa ser lugar de acolhimento radical das vidas que historicamente foram silenciadas. E foi essa radicalidade afetiva que buscamos com essas ações: uma presença pedagógica que acolhe, mas também escuta, tensiona e propõe. Porque a permanência não se dá apenas com nota, mas com vínculo. E vínculo se constrói com respeito, com escuta ativa, com cuidado, e, às vezes, com uma boa roda de forró no pátio para lembrar que também é possível aprender sorrindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar este relato não é concluir uma experiência, mas reconhecer que o que vivemos e construímos com o Atendimento Pedagógico Personalizado é semente. E semente boa, quando lançada em solo fértil, não para de germinar. Ao longo da caminhada, compreendemos, com ainda mais clareza, que cada estudante é um universo inteiro. Chegam à escola carregando histórias, medos, potências e silêncios. E não há metodologia possível sem escuta. Não há cuidado verdadeiro sem afeto.

A proposta dessa ação pedagógica não foi salvar ninguém, nem prometer fórmulas mágicas. Foi, sim, propor uma escuta ativa e horizontal, reconhecer a

diversidade dos processos de aprendizagem e respeitar os tempos e vivências de cada um(a). Numa realidade escolar ainda marcada por práticas excludentes e diagnósticos apressados, criar um espaço onde o(a) discente possa existir sem se moldar, já é revolucionário. Porque, como canta Elza Soares (2019) com sua voz de resistência: “Mas o meu samba vai levantar poeira”. E foi isso que fizemos: levantamos poeira, desorganizamos o silêncio, criamos movimento.

As oficinas, os atendimentos e os momentos de partilha mostraram que é possível transformar o cotidiano da escola a partir de pequenas rupturas. Quando acolhemos o estilo de aprendizagem, oferecemos estratégias concretas, falamos de neurociência com linguagem acessível, escutamos as dores sem julgamento, dançamos e afinamos as cordas do violão com a comunidade. E assim, rompemos com a colonialidade que empobrece os vínculos escolares. Como bem diz Walsh (2009), não basta incluir. É preciso desobedecer as estruturas que produzem a exclusão, e criar outros modos de estar e aprender juntos(as).

O projeto de inclusão segue. Ainda há muito a ser feito, muitos encontros por viver, muitos estudantes para ouvir. Mas o que fica, desde já, é a certeza de que o caminho da educação não é de quem tem todas as respostas. É de quem tem coragem de caminhar com o outro. E se for dançando, cantando e reexistindo, melhor ainda.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, C. M.; GALLEGU, D. J.; HONEY, P. **Estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora**. Bilbao: Mensajero, 1997.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera: The New Mestiza**. 3. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2000.
- BARIANI, E. **Estilo cognitivo: um novo conceito**. Revista Brasileira de Ensino de Psicologia, v. 1, n. 2, p. 27-36, 1998.
- BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRUNER, Jerome. **Toward a theory of instruction**. Cambridge: Harvard University Press, 1966.
- CARVALHO, L. M. R.; PORTO, M. B. **O estilo cognitivo na escola: um olhar para a diversidade**. Cadernos CEDES, Campinas, SP, n. 55, p. 83-96, abr. 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HOOKE, Bell. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 1994.
- KOLB, David A. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LUNA, Luedji. **Um corpo no mundo**. [S.l.]: Selo Sesc, 2017. (CD de música).

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MEUER, D. P.; PERDESINI, S. T.; ANTONELLI, C. C.; VOESE, S. C. **Os estilos de aprendizagem e a prática pedagógica: caminhos para aprendizagem significativa**. Revista Brasileira de Educação Básica, n. 6, p. 1-15, jul./dez. 2018.

SOARES, Elza. **A carne**. Composição de Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Cappelletti. Álbum: Do cóccix até o pescoço. Rio de Janeiro: Maianga Discos, 2019. (CD de música).

WALSH, Catherine. **Interculturalidade e colonialidade do poder: um olhar a partir da diferença colonial**. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação e diversidade cultural: desafios teóricos e pedagógicos. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 15-38.